

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Arcelina Ribeiro de Araujo

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

2012

São Paulo

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática (e com questionário estruturado)

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituições: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista: A professora Arcelina Ribeiro de Araujo participou das comemorações dos 90 anos da criação da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, em 28 de setembro de 2001, a convite da entrevistadora. Na fotografia a seguir, a professora Arcelina Ribeiro está de costa, ao lado de sua irmã Auzenda, que está do lado da Dra. Carmen Sylvia Vidigal de Moraes, responsável pelo projeto de Historiografia das Escolas mais Antigas do Estado de São Paulo, junto ao Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e a Fundação de Apoio a Pesquisa - FAPESP.



Ao receber o arquivo pessoal da professora Debble Smaíra Pasotti, Maria Lucia Mendes de Carvalho encontrou um exemplar do livro premiado, em 1954, pelo Serviço Nacional de Alimentação da Previdência Social (SAPS), indicando que a professora Arcelina Ribeiro foi uma das pesquisadoras, por esse motivo decidiu-se entrevistá-la para a tese de doutoramento da entrevistadora.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: residência da entrevistada no bairro de Cerqueira Cesar, em São Paulo.

Data: 12 de março de 2012.

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: quarenta minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 17

Sinopse da entrevista

O convite para participar de uma entrevista, com gravação em vídeo, proposta pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho, que é coordenadora de projetos de memórias e história da educação profissional no Centro Paula Souza e doutoranda na Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP, na área de planejamento e desenvolvimento rural sustentável, e agendada antecipadamente, aconteceu em 12 de março de 2012. Durante a entrevista, fotografia abaixo foi apresentada e emprestada a pesquisadora para ser escaneada. Essa imagem mostra Arcelina Ribeiro

fazendo o discurso de formatura de Mestre em Economia Doméstica, com especialização em Desenho e Pintura. A mesma imagem foi encontrada no livro de recortes de jornais organizado pela diretora Laia Pereira Bueno, e que se encontra no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos.



Arcelina Ribeiro lendo discurso na Escola Industrial Carlos de Campos, durante solenidade de formatura, em dezembro de 1946.

Fotografia do acervo pessoal de Arcelina Ribeiro de Araujo, em 2012.

Durante a entrevista a professora Arcelina Ribeiro nos forneceu dois recortes de jornais sobre a sua formatura que também foram escaneados e devolvidos durante a assinatura do termo de consentimento e esclarecimento da pesquisa de doutorado, e apresentados a seguir:

A GAZETA — S. PAULO — SABADO, 28 DE DEZEMBRO DE 1946

Solenidade de formatura



Um aspecto da sessão de formatura das diplomandas da Escola Industrial "Carlos de Campos", realizada anteontem, à noite. Na fotografia, a srta. Ruth Cardoso de Mattos recebendo seu diploma.

A GAZETA — S. PAULO — SEXTÁ-FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 1946

Solenidade de formatura



Realizou-se ontem, às 20 horas, na "Sala Vermelha" do Cine Odeon, a festa de formatura das professorandas de 1946, da Escola Industrial "Carlos de Campos", tendo parabenizado a turma o professor Benedito Tolosa. Em nome das alunas, falou a diplomanda Arcelina Ribeiro. Encerrando a

cerimônia, foram executados diversos números de orfeão pelas diplomandas e solos por artistas de destaque nos meios artísticos desta Capital. A foto mostra um aspecto da entrega dos diplomas.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 21 de março a 01 de abril de 2012

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Data da revisão da transcrição (colaboradora): 16 de abril de 2012

Nome da revisora da transcrição (colaboradora): Arcelina Ribeiro de Araújo

O convite para participar de uma entrevista, com gravação em vídeo, proposta pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho, que é coordenadora de projetos de memórias e história da educação profissional no Centro Paula Souza e doutoranda na Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP, na área de planejamento e desenvolvimento rural sustentável, e agendada antecipadamente, aconteceu no dia 12 de março de 2012, quando respondi as questões a seguir:

1- Professora Arcelina, boa tarde, a senhora poderia dizer como e quando a senhora iniciou na educação profissional?

ARA: Eu iniciei na escola profissional com 12 anos, em 1940, que era a idade obrigatória para iniciar o curso vocacional. Acontece que com cinco anos eu já estava alfabetizada. Naturalmente por que eu sou a filha mais nova de sete irmãos, e eu devia ficar atazanando-os. Como eu demonstrava interesse em aprender a escrever uma das minhas irmãs me alfabetizou. Então quando eu tinha sete anos, que era a idade para entrar no primeiro ano no primário, a minha mãe explicou ao diretor que eu já estava alfabetizada e que já sabia muita coisa de aritmética. Então o diretor fez um teste comigo e concluiu que eu devia ir para o segundo ano. Resultado, eu fui para o segundo ano, oito anos no terceiro e nove no quarto. Eu terminei o primário com nove anos, e o primeiro ano eu fiquei sem fazer nada, em casa. A minha mãe se preocupava: essa menina vai esquecer tudo que aprendeu e terá que fazer exame para entrar na Escola Profissional, onde minhas irmãs já estudavam. No outro ano, a minha mãe me matriculou num curso de admissão. Esse curso de admissão eu fiz o ano inteiro, me preparei muito bem, tinha até francês. Era em uma escola comercial que meu irmão tinha feito um curso de contador, perto da minha casa. Eu fiz um ano, e lá eu conheci a professora Leonor, que ela era professora de matemática na Escola Profissional. Eu morava no Brás, uma travessa da Rua do Hipódromo. Da minha casa na Rua do Hipódromo à Avenida Rangel Pestana tinha uns quatrocentos metros. Eu ia a pé, e tomava um bonde na Rua Rubino de Oliveira, que ia para a zona norte e passava pela Escola Profissional. Tomava o bonde, é bem diferente de hoje em dia, que a gente não tem coragem de deixar os filhos, não pode. O meu pai e minha mãe eram portugueses. Meu pai veio para cá com 19 anos e minha mãe veio com 11.

Mas eles se conheceram aqui anos depois, por causa da profissão dele, que era Trabalhos de Cantaria. Ele esculpia pedras e mármore, chegava a fazer esculturas e vasos, e coisas assim. Mas o forte dele, era a oficina de pedras para moinhos de cereais e de fábricas de vidro que ele tinha. Na Escola Profissional, o primeiro ano era chamado Vocacional. As alunas passavam dois meses em cada área: Bordados, Corte e Costura, Flores e Chapéus, Desenho, Pintura e Cerâmica. Após passar por todas essas especialidades, escolhia-se qual seguir. Eu então escolhi Desenho e Pintura e fiz até a quarta série. Depois havia o curso de Mestria, com dois anos de duração e conferia o título de professora. Eu recebi o diploma de professora de Desenho e Pintura, podendo lecionar essas disciplinas em escolas profissionais e no antigo ginásio. No último semestre do curso de Mestria, era necessário ter uma experiência prática de Desenho e Pintura, como um estágio. Eu fui contratada por uma fábrica de tecidos e permaneci lá por mais ou menos dois anos. Eu tenho registro de professora. Eu tenho colegas, que se aposentaram como professores de Desenho no ginásio. Mas acontece que quando eu terminei, fiz o meu registro de professora, mas não fui lecionar. Por quê? Porque eu quis fazer Dietética. Eu tinha uma irmã dois anos mais velha do que eu, que já tinha feito e eu gostava muito do que ela contava do curso, me interessei e fui fazer o curso de Dietética. De 1946 a 1948 eu fiz Dietética, e minha irmã foi fazer Nutrição. Eu na cola da minha irmã, muito ligadas, dois anos só de diferença, comecei também a me interessar por nutrição. Mas eu fui primeiro trabalhar. Fui trabalhar na Escola Profissional. Eu dava aula de Bromatologia.

2 – Como a senhora conheceu o Dr. Francisco Pompêo do Amaral?

ARA: O Dr. Francisco Pompêo do Amaral foi meu professor no curso de Dietética, eu já o conhecia lá na escola, através de minha irmã estava cursando Dietética. Mas eu conheci mesmo foi como aluna dele nos dois anos de Dietética.

3 – A senhora se lembra se o Professor Pompêo do Amaral costumava dizer que foi ele quem criou o primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil?

ARA: Eu não me lembro, se o professor Pompêo do Amaral, costumava dizer que foi ele quem criou o primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil.

4 – A senhora pode nos dizer como o Pompêo do Amaral agia enquanto professor do curso de Auxiliares em Alimentação?

ARA: O Dr. Pompêo do Amaral enquanto professor no curso de Auxiliares em Alimentação, era notória a sua competência, conhecia profundamente a matéria, mas ele era muito enérgico. Havia muita disciplina, não se conversava. Todo mundo respeitava muito, por que ele era muito severo.

MLMC: Mas ele abria para perguntas ou ele não fazia isto?

ARA: Nas aulas dele, pode ser até que ele abrisse para perguntas, mas eram raras as que se atreviam. Porque ele era muito enérgico, e a gente tinha até medo dele, pois tínhamos a impressão de ele não admitia ignorância. Então, as aulas eram muito pouco participativas.

MLMC: Mas e as provas dele?

ARA: As provas dele eram difíceis, mas de qualquer maneira nós estudávamos bastante para podermos nos sair bem.

MLMC: Mas as aulas dele eram expositivas? Como funcionava?

ARA: As aulas dele eram expositivas. Ele escrevia na lousa alguma coisa. Mas era expositiva, ele falava sem parar. As professoras também participavam das aulas dele, eu tenho lembrança de ver a dona Debble. Mas eu tenho a impressão que é porque elas queriam. A gente recorria muito a dona Debble para tirar as dúvidas que tinha com ele, porque ninguém tinha coragem de fazer perguntas à ele.

5 – E enquanto coordenador do curso de Auxiliares em Alimentação?

ARA: Eu lembro que em algumas reuniões, a gente se sentia um pouco mais a vontade, mas ainda aquela distancia permanecia, não era como aluna. Ele comandando e a gente aceitando, e falando, se houvesse algo a acrescentar. A professora Debble também falava e com ela não tinha problema nenhum. Ela era muito amiga dele, e mesmo a Dalva, também eu acho que se aproximava bem dele. A Dalva também fez o curso de Nutricionista, ela foi da turma da minha irmã.

6 – Quando foram criados os refeitórios nas escolas profissionais? E como eram administrados e por quem?

ARA: Eu não sei quando foram criados os refeitórios nas escolas profissionais. Mas eu trabalhei no refeitório da Escola Técnica Masculina Getúlio Vargas, na Rua Piratininga. A dona Yone, eu não sei se ela era bióloga e dietista. Eu tenho impressão que ela tinha algum curso superior, ela era bem formada, e era a responsável pelo refeitório. E tinha a Ivone, a filha do professor Rosano que foi diretor da escola. Minha irmã Auzenda foi vice-diretora, ela falava do Dr. Rosano. Inclusive, ela falou com ele ao meu respeito para me contratar. A Ivone ficava de manhã, e eu fazia o período da tarde, às vezes a gente trocava. Era um curso técnico em período integral e os alunos viviam em regime de internato. Elaborávamos então os cardápios para o café da manhã, almoço e jantar. Eu me lembro de fazer cardápios especiais, e a dona Yone dava uma supervisão. Havia um médico, Dr. Barreto que acompanhava o desenvolvimento dos alunos. Ele como médico devia ter os dados todos de saúde, e passava para a dona Yone. Porque o curso foi denominado “Auxiliares em Alimentação”? Era terrível, pois no diploma não consta Dietista e sim, Professoras de Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação.

MLMC: Eu acho que tinha haver com a supremacia dos médicos, e daí era auxiliar do médico. Por que o nutrólogo era o médico.

ARA: Hoje em dia não se fala auxiliar dos médicos, de jeito nenhum, a nutricionista faz parte da equipe.

MLMC: A senhora vê que ao curso foi dada essa denominação, desta forma, diferente da Argentina, que era Dietista. Esse Auxiliar em Alimentação, é que eu acho, que foi ideia do Dr. Pompêo. Por que o Dr. Josué de Castro usou esse título só por um ano e depois já passou para nutricionista, que era o nome que o Dr. Geraldo de Paula Souza dava, ao curso de nutrição da USP. Agora, na Europa, por exemplo, até hoje é Dietista, e também nos Estados Unidos.

MLMC: Professora, então com relação a esta administração a senhora disse que tinha a professora Yone e tinha o médico. Isso era muito trabalhoso?

ARA: Não, era uma coisa muito agradável. A gente chegava de manhã e ia ver na cozinha, o cardápio do dia. Acompanhávamos tudo. Cada dia eram alimentos diferentes, e havia cardápios personalizados, dependendo do estado de nutrição do aluno. E depois entre o café da manhã e o almoço, a gente tinha esse período, para ainda verificar o andamento do trabalho. Fazíamos tudo lá, pesávamos os alimentos e preparávamos o tal do prato modelo. À tarde também, acompanhávamos o trabalho da cozinha. Eu não lembro bem a carga horária do nosso trabalho. Era muito agradável.

MLMC: O Pompêo era contra o feijão e ele incentivava muito o consumo de derivados de fubá. A senhora vivenciou isso também?

ARA: A gente fazia muito leite com fubá para os alunos, e eu me lembro que às vezes eles não gostavam. Eu acho uma delícia. Nós usávamos muito.

7 – Como era o processo de capacitação de docentes para ministrarem o curso de Auxiliares em Alimentação ou Dietistas durante a coordenação do professor Pompêo do Amaral?

ARA: Acho que era através das reuniões à medida que, surgiam informes novos ou aprofundamento da teoria. Eu comecei a trabalhar nessa equipe em 1952, já como nutricionista, do curso que realizei na USP, inclusive muito com a Dra Debbble. Então havia assim um ambiente muito bom e de desejo de aprender, de aprender mais.

MLMC: Eu acho que no tempo do Dr. Pompêo muita coisa se foi desenvolvendo, por que mesmo no livro dele de 1945, as vitaminas estavam sendo pesquisadas. Eu vejo que quando eu tive acesso ao acervo lá no Rio de Janeiro, do SAPS, quando vocês ganharam o prêmio de 1954, no Serviço de Alimentação da Previdência Social, eles lá faziam pesquisas para começar a identificar as composições de alimentos. Essas coisas todas foram

se fazendo. A senhora veja que até hoje a gente discute as tabelas, e hoje usamos como referência a da Unicamp. Mas sempre tem muita discussão encima disso, era o comecinho de tudo, então imagina a dificuldade.

ARA: Ele era desbravador mesmo, estudava muito, pesquisava, trazia muita coisa e a gente ia absorvendo.

MLMC: A senhora sabe que ele, dois anos antes de falecer, foi participar de um congresso lá no Rio Grande do Sul. Porque ele era contra a adição de flúor na água, ele achava que beneficiava os industriais e não a saúde. Com essa idade ele foi participar de uma mesa redonda. E quatro anos antes de falecer ele escreveu um livro, e nesse livro ele fala das pesquisas que ele fazia lá na década de 40 e tal, e então isso mostra o quanto ele realmente era estudioso e dedicado.

ARA: Estudioso. Ele era admirável.

8 - Por que o curso de Auxiliares em Alimentação surgiu na Escola Carlos de Campos?

ARA: Nós devemos ter escutado isso no curso. Eu acho que como era um curso feminino, um curso profissional de economia doméstica, ele achou que era um campo fértil para introduzir o de Dietista. Havia uma escola que também ministrava o curso de Educação Domestica? A professora Debble inclusive foi professora nesse curso de Economia Doméstica. Era da Liga das Senhoras Católicas. Em 51, eu fiz Nutrição. Eu fiquei dois anos, como professora na Escola Carlos de Campos. Em 54 eu entrei no Serviço Social. Eu trabalhei na PUC - de São Paulo, mas como Assistente Social. Eu me lembro que com esse negócio de ter Nutrição e Auxiliares em Alimentação, havia uma rivalidade. Nós tínhamos dois cursos análogos, e então eu acho que começou a diminuir o interesse, o pessoal ia fazer nutrição, eu tenho impressão que houve um momento que teve uma baixa de procura.

9 – E por que o curso Auxiliares em Alimentação deixou de ser oferecido na Escola Carlos de Campos no início da década de 1950? E quando a equipe de dietistas retonou com o curso para esta escola e por quê?

ARA: Em 53, então eu trabalhei lá na Rua Rego Freitas e, eu fui para o Serviço Social em 54. Eu fui para o Serviço Social e ainda continuei lá na Rua Rego Freitas e no meio do ano a Escola de Serviço Social exigiu maior número de horas de estágio. Eu fazia estágio sábados e domingos na penitenciária feminina. Tive que optar: deixar o curso de Serviço Social ou deixar o trabalho da Escola Profissional para poder atender às exigências do estágio. Você sai da Legião ou da Profissional. Eu sei que foi a tal história, eu ganhava 7000, eu não sei o quanto representa em moeda da época. Eu sei que eu falei para o meu pai: eles me dão estágio me pagando 2600, e eu vou deixar o emprego publico de 7000. Não tinha concurso e eu não estava efetivada, mas de qualquer maneira era funcionária pública. E o meu pai perguntou: é isso que você quer? Em seis meses deu para ver, que era isso

que eu queria. Mas acontece que não dava nem para eu pagar a faculdade. Ele disse: não eu te ajudo. Nessa época eu tinha 26 anos, eu sou de 21 de setembro de 1928. Então meu pai deixou, eu saí e fui trabalhar na Legião Brasileira ganhando 2600. Foi então que eu decidi cursar Serviço Social, me desligando do curso de Dietistas, como professora.

MLMC: A senhora levantou uma questão: porque houve essa redução? Esse curso de nutrição. Só que foi um período muito curto e foi próxima dessa mudança para a Rua Rego Freitas. Por que nesse período também teve mudança na legislação. O curso da Carlos de Campos foi para a Rua Rego Freitas. Para esse espaço o Arnaldo Laurindo, que era superintendente, já estava propondo o Instituto Pedagógico do Ensino Industrial, que era para formar professores e para ser de nível superior, que eram cursos de Administração Escolar e Pedagógico. E o curso do Dr. Pompêo do Amaral, certamente, e é bem provável que ele tivesse essa intenção, de ser de nível superior, e então ele saiu da escola e ficou de 1953 na Rua Rego Freitas até 1958. Quando o curso volta para a Escola Carlos de Campos, este volta com outra denominação a de Técnico em Dietética.

ARA: Não era mais Dietista ou Auxiliares em Alimentação?

MLMC: Não. Por que deixou de existir essa modalidade. Nós tínhamos os ginásios industriais ou nós tínhamos os cursos técnicos, passou a ser Técnico em Dietética. Então continuou com as mesmas cargas horárias. Por isso quem fez esse curso até 1957 teve o direito de ter o diploma de nutricionistas, porque ele tinha carga horária superior ao curso de Nutricionistas da Universidade de São Paulo e quando o curso voltou para a Escola Carlos de Campos, foram ampliando a carga horária e criando novas disciplinas. O Dr. Pompêo do Amaral quando ele saiu em 1958, eu acho que ele dava muita coisa dentro da própria disciplina dele. Então eles começaram a fragmentar, e que também era proposição da legislação, pelo que eu tenho percebido agora. Antes os professores, eles eram realmente mestres. Vocês ficavam ouvindo, que era a forma como o Dr. Pompêo ministrava as aulas, e depois isso foi mudando, foi mudando o currículo, é por aí que eu estou enxergando agora.

MLMC: Professora, na Rua Rego Freitas a senhora trabalhou, dava aula à noite. Será que a senhora não continuou trabalhando no paralelo, dando aula à noite lá na profissional?

ARA: Provavelmente sim. De 1952 a 1954 eu trabalhei no curso de Auxiliares em Alimentação lecionando Bromatologia, atuando no refeitório da Getúlio Vargas até que com a mudança para Rego Freitas, dei aulas à noite.

MLMC: A senhora teve uma vida bem agitada?

ARA: Eu tive uma vida bem agitada, mas era o que eu queria mesmo. A dona Debbie a gente visitava de vez em quando. Continuamos amigas. Ela erra doce. Era firme, a aula dela também não era brincadeira, mas a gente

tinha respeito enorme e um grande amor. Tudo o que precisássemos conseguíamos com ela.

10 – A senhora teve contato com o Professor do Amaral a partir de 1958, quando este deixou a coordenação do curso?

ARA: O Dr. Pompêo eu lembro ter visto em algum congresso, no de nutricionistas talvez, em 1960. Devo ter ido. Discutiram muito a causa da soja e chamaram o Pompêo de comunista. Ele nunca foi do partido, ele tinha era a ideologia. Apesar, de ser meio ateu, por que ele não tinha nada de religião, e como o meu marido dizia: esse é mais religioso do que muitos, porque ele esse se preocupava de que o pobre pudesse se alimentar como o rico. Esse é um princípio cristão, e então meu marido dizia: este é mais cristão do que esses cristãos que vão à missa e segue mais de perto.

11 - Houve alteração no currículo do curso de Auxiliares em Alimentação durante o período que o Professor Pompêo do Amaral foi coordenador do curso ou que a senhora frequentou a escola?

ARA: Pode ser que houve alteração no currículo do curso de Auxiliares em Alimentação durante o período que o professor Pompêo do Amaral foi coordenador do curso, por que ele era inovador. Também quando realizava pesquisas, trazia para o curso, atualizando.

MLMC: Pelas reuniões dava para perceber isso?

ARA: Ele também não ficava só com aquelas ideias que as pessoas achavam que eram malucas. Ficava com relação à soja, porque ele defendia o consumo de carne, mesmo entre os pobres e não a sua substituição pela soja.

12/13 – E depois, quando o curso retornou à Escola Carlos de Campos, a senhora não estava mais lá. Agora a senhora se lembra dos nomes dos livros que o Dr. Pompêo do Amaral escreveu?

ARA: Eu acho que eu tenho alguns. Lembro de um sobre Política Alimentar, ele se baseava muito nesse livro.

MLMC: Por que tem uma parte dos inquéritos que vocês fizeram e tem uma outra parte de pesquisa que ele fez a nível mundial, mostrando os índices. Eu mesma fiz um trabalho analisando esse livro e apresentei o ano passado lá na Espanha, porque era sobre professor autor e eu mostrei como através da praticas era possível trabalhar inclusive com as políticas publicas.

14 - Professora a senhora se lembra dos prêmios que o Professor Pompêo do Amaral recebeu? E em que anos foram? Um a senhora faz parte, o de 1954?

ARA: Só me lembro do Prêmio sobre Alimentação.

15 – A senhora se lembra das reportagens que o Professor Pompêo do Amaral escrevia para os jornais? Alguma delas foi marcante?

ARA: Eram bem severas, a gente achava ele muito radical.

MLMC: Muito radical em que sentido?

ARA: As ideias ou o que fosse lá, as ideias dele ele sustentava ali como sendo o ideal, e então às vezes ele era meio radical.

MLMC: A senhora sabe que ele foi processado pelo Governador Janio Quadros?

ARA: Ele teve um problema qualquer, com o governador Janio, creio ser pelo fato de defender o direito do pobre ter uma alimentação como os mais abastados. Achavam com isso que ele fosse comunista.

MLMC: Independente de posição política, mesmo como técnico sendo contra a soja, por que ele era contra a substituição. Não é que ele fosse contra a soja.

ARA: Não, ele não era contra a soja, só não aceitava que esta substituísse a carne e o leite.

MLMC: Isso, pelo leite na merenda escolar. Estou lendo um livro para poder entender o governo de Janio Quadros, que no mesmo período, apoiou enormemente a expansão da soja no estado. E o Dr. Pompêo ia exatamente contra a posição dele. Só que o Dr. Pompêo fazia observações pelo lado do médico, do nutrólogo, e que todos nós concordamos com isso, com a posição dele. Então é uma questão política delicada.

MLMC: Professora eu quero agradecer ter me concedido esta entrevista, eu vou transcrevê-la, primeiro eu faço a transcrição direta, e depois eu vou escrever um texto, e esse texto é que eu vou também mandar para a senhora e a transcrição vai fazer parte da tese. Mas eu estou pensando em manter, em anexo, as entrevistas, porque elas são ricas e outras pessoas poderão utilizar estas informações. Muito obrigado professora.

ARA: Sempre as ordens, eu fico aqui aguardando o que você precisar (fim da entrevista e da gravação).

Descritores

Alimentação e Nutrição

Arcelina Ribeiro

Auzenda Ribeiro
Auxiliares em Alimentação
Bordados, Corte e Costura
Bromatologia
Cantaria
Dalva Oliani
Debble Smaíra
Desenho, Pintura e Cerâmica
Desenho e Pintura
Dietistas
Economia Doméstica
Escola Técnica Getúlio Vargas
Francisco Pompêo do Amaral
Fubá
História da Educação Profissional
História Oral na Educação
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Memórias do trabalho docente
Mestria
Nutricionistas
Rua Rego Freitas
SAPS
Vocacional
Yonne de Souza

Dados Biográficos da Entrevistada



Arcelina Ribeiro nasceu em São Paulo, em 21 de setembro de 1928, filha de Antonio Ribeiro e de Maria da Costa Ribeiro, portugueses, que vieram jovens para o Brasil, sua mãe com 11 anos e o pai com 19 anos. Os seus pais se conheceram em São Paulo, devido à profissão em Trabalhos de Cantaria. Ele esculpia mármore e outras pedras na sua oficina, para moinhos de cereais e fábricas de vidro. Arcelina Ribeiro ingressou no curso vocacional no Instituto Profissional Feminino, em 1940, com doze anos, e na quarta série escolheu Desenho e Pintura para se especializar. Assim que se formou, em 1946, foi trabalhar como desenhista em uma fábrica de tecidos, no bairro do Tatuapé, em São Paulo. Lá permaneceu de 1947 até meados de 1948. No ano seguinte, por influência da irmã Maria de Lourdes, dois anos mais nova, foi fazer o curso de Auxiliares em Alimentação. Durante a entrevista, a professora Arcelina Ribeiro informou que a sua irmã resolveu dar continuidade aos estudos e iniciou o curso de Nutricionistas da Faculdade de Saúde Pública. Seguindo a trilha dessa irmã, ingressou e formou-se no curso de Nutricionistas, em 1951. Depois de formada, Arcelina Ribeiro foi trabalhar no curso de Auxiliares em Alimentação, junto com as professoras Yonne Cintra de Souza, Dalva Maria Oliani e Neide Gaundeci de Sá, que também foram alunas desse curso no Instituto Profissional Feminino, da capital, em São Paulo. Posteriormente como professoras no referido curso, participaram de estudos e pesquisas promovidas no Serviço Médico pelo Dr. Francisco

Pompêo do Amaral, que culminou com o Prêmio Nacional de Alimentação, em 1954, do Serviço de Alimentação da Previdência Social, no Rio de Janeiro. Em 1966 a professora Arcelina Ribeiro participou como bolsista da Universidade Pontifícia Católica (PUC) de um curso de aperfeiçoamento de docentes de Serviço Social, no Rio de Janeiro. A sua atuação na Juventude Universitária Católica a levou a conhecer José Bonifácio de Araújo, contraindo matrimônio em 19 de julho de 1969. Desse enlace nasceu Luciana, que lhe deu dois netos, Pedro Araújo Andraus e Carolina Araújo Andraus. Com estes netos Arcelina Ribeiro de Araújo começou a escrever e publicar histórias infantis e da família.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente

de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):
Carta de Cessão dos Direitos Autorais e de uso de Imagem